

ELIELMA SANTANA FERNANDES

CICLO DE PALESTRAS EM EDUCAÇÃO FLORESTAL

Memorial Descritivo

JUAZEIRO, BA



CICLO DE PALESTRAS EM EDUCAÇÃO FLORESTAL

Memorial Descritivo

Produto Técnico da Tese de Doutorado de:
Elielma Santana Fernandes

JUAZEIRO, BA
2023

Copyright © 2023, Elielma Santana Fernandes, Lucia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira, Eva Monica Sarmiento da Silva.

Todos os direitos desta edição reservados às autoras e ao Programa de Pós Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Juazeiro - Bahia.

REVISÃO ORTOGRÁFICA:
Elielma Santana Fernandes

CAPA, ILUSTRAÇÕES E DIAGRAMAÇÃO:
Sílvia Kimo Costa

Ilustração da capa, capa interna e moldura baseada na imagem da árvore Juazeiro e em seu fruto (*Ziziphus joazeiro* Mart.)

Fernandes, Elielma Santana

F363c Ciclo de Palestras em Educação Florestal: Memorial Descritivo /
Elielma Santana Fernandes. – Juazeiro - BA, 2023.
37 f.: il.; 29 cm.

Memorial Descritivo - Evento Técnico-Científico. (PDF)

1. Caatinga. 2. Educação Ambiental. 3. Desenvolvimento Sustentável. I. Título. II. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 363.70071

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca SIBI/UNIVASF
Bibliotecário: Márcio Pataro. CRB - 5/1369.



Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, total ou parcial, constitui violação da Lei n. 9.610/1998.

AUTORA

Elielma Santana Fernandes



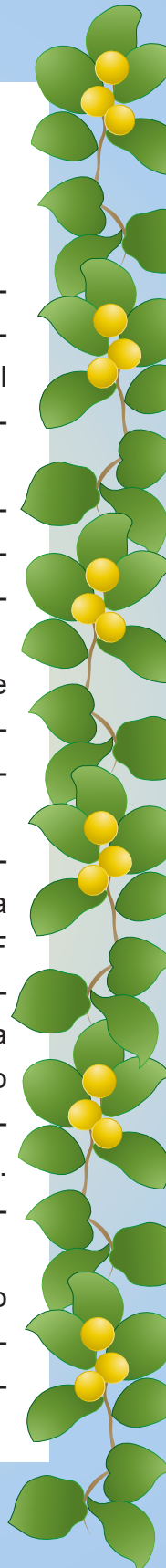
Doutora em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF (2023).

Licenciada em Ciências - Especialização em Biologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (1999).

Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC (2011). Especialização em Gestão e Educação Ambiental pela Faculdades Integradas Ipitanga-BA (2008).

Servidora pública, Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - IF Baiano (2011) na área Meio Ambiente. Atuou como Coordenadora de Pesquisa do IF Baiano - campus Valença (2013 - 2014) e do campus Itaberaíba (2018 - 2020). Foi Membro do Comitê Assessor de Política Institucional de Gestão de Resíduos e Educação Ambiental do IF Baiano (2016 - 2018). Foi Membro do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CEPE do IF Baiano (2016 - 2019). Membro do Grupo de Pesquisa Núcleo de Agroecologia e Produção Orgânica- ENSAIO PARA A VIDA/UNIVASF.

Possui interesse nas seguintes áreas: Educação, Meio Ambiente e Sociedade com ênfase em Educação Ambiental-Florestal, Formação Continuada, Convivência com o Semiárido.



Lucia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira Orientadora



Doutora em Desenvolvimento Socioambiental pela Universidade Federal do Pará (2005). Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal da Bahia – UFBA (1998). Especialização em Conteúdos e Métodos do Ensino Superior pela UFBA (1975). Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (1974).

Servidora pública, Docente Associada IV da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, compõe o quadro permanente e é orientadora nos mestrados interdisciplinares de Extensão Rural e Ciências da Saúde e Biológicas e no Doutorado Profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial. Exerce o cargo de Vice-Reitora da UNIVASF, quadriênio 2023-2027. Exerceu o cargo de Pró-Reitora de Extensão da UNIVASF (2011-2022), gerenciando inúmeros projetos de desenvolvimento nas áreas de abrangência da instituição.

Líder do Grupo de Pesquisa Núcleo de Agroecologia e Produção Orgânica- ENSAIO PARA A VIDA/UNIVASF, tem experiência na área de Educação, atuando principalmente na educação do campo, bem como, nas áreas de desenvolvimento sustentável e desenvolvimento territorial.

Eva Monica Sarmiento da Silva Coorientadora



Doutora em Zootecnia pela Universidade Federal do Ceará - UFCE (2007). Mestre em Zootecnia pela UFCE (2004). Graduada em Zootecnia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB (2001).


Servidora pública, é Docente da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF.

Docente Permanente do Doutorado Profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal da UNIVASF. Atualmente é Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação nível Mestrado em Extensão Rural da UNIVASF.

Possui experiência na área de Zootecnia, com ênfase em Zootecnia, atuando principalmente nos seguintes temas: polinização de culturas agrícolas e abelhas africanizadas e sem ferrão.



SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO	09
DESCRIÇÃO GERAL DO EVENTO	11
INTRODUÇÃO	13
PALESTRA 1	22
PALESTRA 2	25
PALESTRA 3	29
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	34

APRESENTAÇÃO

O presente documento, Memorial Descritivo, foi idealizado a partir da realização do Ciclo de Palestras em Educação Florestal e tem por objetivo expor as informações técnico-científicas pertinentes a esse.

O Ciclo de Palestras está contido na Tese de Doutorado Educação Florestal em espaços formais: uma proposição sociopedagógica na convivência com o Semiárido baiano, do Programa de Pós-Graduação em Associação, nível Doutorado Profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial – PPGADT, Linha de Pesquisa IV: Convivência Com o Semiárido, Inovações Sociotécnicas e Desenvolvimento, ofertado pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF e compõe os Produtos Técnicos Finais da Tese mencionada e se apresenta como uma atividade de propagação do conhecimento técnico-científico.

A proposta central do evento foi desenvolvida sob o tema: Educação Florestal: um diálogo interdisciplinar no Semiárido baiano, com o intuito de desenvolver ações, que pudessem fortalecer as discussões pertinentes ao ambiente florestal, presente nas regiões semiáridas, em atenção a preservação e conservação do meio natural.

Espera-se que este Memorial Descritivo, possa inspirar outros diálogos institucionais em prol de uma educação para a sustentabilidade, que deve adentrar os diversos espaços do conhecimento como forma de fortalecer os movimentos individuais e coletivos que reverberem na qualidade ambiental, não apenas nas regiões semiáridas, mas que alcance a dimensão existencial



para além dos limites geográficos e se possa, quanto sociedade global, adotar frentes de ações que identifiquem nas florestas um dos eixos fundamentais da sobrevivência de todos os seres; e de uma postura ética que possa expandir a consciência florestal humana.

DESCRIÇÃO GERAL DO EVENTO

Nome do evento: Ciclo de Palestras em Educação Florestal

Tipo: Ciclo de Palestras

Ano de realização: 2023

Período: 15 de maio a 06 de junho de 2023

Modalidade: Híbrido

Amplitude: Regional

Público-alvo: Graduandos(as) em Ciências Biológicas, Pedagogia e Coordenadores (as) Pedagógicos.

Número de participantes: 68

Recursos e vínculos do evento: Recursos próprios

Emissão de Certificados: Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF

Descrição e Finalidade:

O Ciclo de Palestras em Educação Florestal foi concebido como uma atividade para a propagação do conhecimento técnico-científico, com o objetivo de fomentar ações sociopedagógicas na disseminação da temática florestal ambientada no Semiárido, com a articulação de diálogos interdisciplinares para a preservação e conservação das florestas.

O evento é uma produção gerada a partir da Tese de *Doutorado Educação Florestal em espaços formais: uma proposição sociopedagógica na convivência com o Semiárido baiano*, do Programa de Pós-Graduação em Associação, nível Doutorado Profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial – PPGADT, Linha de Pesquisa IV: Convivência Com o Semiárido,



Inovações Sociotécnicas e Desenvolvimento, ofertado pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

Equipe de Planejamento e Execução:

Nome: Elielma Santana Fernandes

Doutora em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial

Nome: Dra. Lucia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira

Docente Permanente/Orientadora

Nome: Dra. Eva Monica Sarmiento da Silva

Docente Permanente/Coorientadora

Projeto de Pesquisa vinculado ao evento organizado:

Tese de Doutorado Educação Florestal em espaços formais: uma proposição sociopedagógica na convivência com o Semi-árido baiano

Linha de Pesquisa vinculada ao evento organizado:

Linha de Pesquisa IV: Convivência Com o Semiárido, Inovações Sociotécnicas e Desenvolvimento

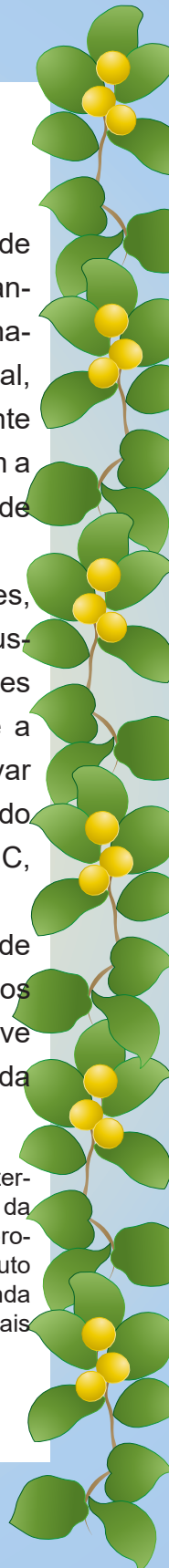
INTRODUÇÃO

A construção do conhecimento perpassa por séculos de indagações, por consequência, investe numa busca incessante por respostas que atendam as demandas e anseios humanos no campo filosófico, social, ambiental, cultural, educacional, econômico, tecnológico, dentre outros. A ciência, em constante movimento, atenta-se não apenas em responder, mas também a disponibilizar seus achados a sociedade por diversos meios de comunicação.

Dentre as possibilidades de divulgação das informações, estão os Eventos Científicos que devem proporcionar discussões sobre temas de interesse coletivo, sob a ideia de que esses possam contribuir no progresso das pesquisas científicas e a publicização dos seus respectivos resultados; e ainda, incentivar o desenvolvimento de novas áreas de pesquisa, colaborando também com a formação de pesquisadores(as) (CAPES/MEC, 2016).

De acordo o Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, os eventos científicos são classificados em 14 categorias, entretanto, este Memorial Descritivo se ateu as informações da Categoria: Ciclo de Palestras, que é definida como:

Sequência de apresentações públicas sobre determinado tema de interesse, oriunda de iniciativas da parte de instituições científicas/educacionais ou profissionais para as quais a apresentação do produto da pesquisa acadêmica seja relevante, ou oriunda de redes de cooperação nacionais ou internacionais (CAPES/MEC, 2016, p. 4).



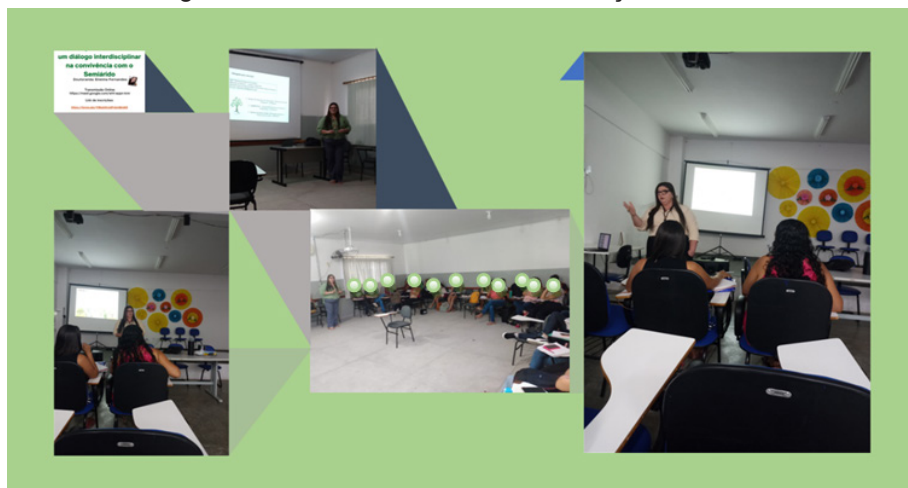
Vale considerar, que nos cursos de Pós-Graduação Profissional, um Evento Organizado encontra-se entre as opções de produção técnica, definido como um produto originado de uma atividade de divulgação ou propagação do conhecimento técnico-científico, promovidos para público acadêmico ou geral (Ibid., 2019).

Nessa direção, o Ciclo de Palestras em Educação Florestal, foi organizado com o intuito de divulgação e propagação do conhecimento, baseado em dados oficiais de acesso público e da pesquisa de Tese de Doutorado, intitulada Educação Florestal em espaços formais: uma proposição sociopedagógica na convivência com o Semiárido baiano; e transcorreu numa sequência de três apresentações, destacando como tema de interesse a conservação das florestas numa dimensão educacional interdisciplinar, concretizando-se como produto de pesquisa acadêmica.

Sob essa perspectiva, duas palestras ocorreram de modo presencial com graduandos dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/campus Jequié; e do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/campus Itaberaba; e a terceira palestra, foi realizada de modo online, por meio da Plataforma de Webconferência GoogleMeeting com Coordenadores(as) Pedagógicos(as) do município de Campo Formoso - Bahia, totalizando 68 participantes. Todos receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE, para aceite de participação.

A figura 1, retrata os momentos em que as palestras foram realizadas.

Figura 1. Ciclo de Palestras em Educação Florestal



Fonte: Acervo da Pesquisa (2022)

Tema Central: *Educação Florestal: um diálogo interdisciplinar no semiárido baiano*

A definição do tema central do Ciclo de Palestras, foi firmada considerando três pontos: 1- evidenciar a existência do ambiente florestal no Semiárido; 2 – propor uma discussão ambiental, que ultrapassasse a linha de áreas específicas do conhecimento; e 3 - inseri a discussão da Educação Florestal como via pedagógica social para ações de conservação e preservação do meio natural. Destaca-se, que alguns dados presentes neste Memorial Descritivo, foram acrescentados após a realização do ciclo, com o objetivo de manter informações, pertinentes ao tema, atualizadas.

Nesse sentido, os estudos desenvolvidos para tal fim, levaram ao entendimento que a percepção da sociedade sobre as florestas está muito próxima do que é possível visualizar e constatar nas características fitofisionômicas, a exemplo das es-

pécies arbóreas, evidenciadas pela altura e a formação de grandes dosséis, expondo exuberância peculiar, bem observadas na Mata Atlântica e na Floresta Amazônica. Essa perspectiva sobre o meio, contribui para olhares desatentos a outras paisagens florestais, como o Cerrado e a Caatinga, todas com sua relevância ambiental, social e econômica; e vulneráveis a antropização, em decorrência da degradação e exaustão dos recursos naturais.

As questões que envolvem os impactos ambientais que convergem para a crise ambiental, tem como resultado um dos maiores debates de ordem mundial que são as Mudanças Climáticas (MC) e os processos de Desertificação. Ao tratar desses problemas, nas pesquisas de Liotti e Bertoni (2021), afirma-se que as intervenções antrópicas geradoras das MC, influenciam diretamente na autorregulação do meio natural, tendo por consequência, a instalação de condições ambientais adversas, tais como os processos de desertificação, principalmente, em regiões áridas e semiáridas, que ocasionam crises socioambientais complexas.

De acordo o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas – IPCC, a ação humana sobre as MC, data de séculos de lançamentos contínuos de gases de efeito estufa (GEE) na atmosfera, associados ao manejo inadequado no uso da terra e ao padrão de consumo estabelecido pela sociedade (IPCC, c2023). No que tange a esse contexto, com o intuito de frear a degradação ecossistêmica e dinamizar a restauração dos ambientes naturais, a Organização das Nações Unidas – ONU, estabeleceu em 2019 o que denominou de Década da Restauração dos Ecossistemas, 2021-2030, uma grande convocação mundial para a resolução dos problemas da crise climática e seus desdobramentos, tendo como meta a restauração de 40 %

dos ecossistemas até 2030, o que pode impactar na remoção de 13 (treze) a 26 Gt de GEE da atmosfera (ONU, c2023).

Sob esse prisma, a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, vem firmando diálogos e compromissos que versam sobre a preservação florestal. Na perspectiva da emergência climática, a Declaração dos Líderes de Glasgow sobre Florestas e Uso da Terra, em 2021, estabeleceu o desenvolvimento de ações para a preservação, conservação e recomposição das florestas até 2030 (COP26, 2021). Já em 2022, atuou para a redução das emissões de GEE e construção de resiliência e adaptação aos impactos inevitáveis das MC (COP27, c2023).

Nesse quadro, o agravamento da crise ambiental com a celeridade dos processos de Desertificação, que envolvem perdas significativas da qualidade dos solos e a instabilidade hídrica traduzida nas secas, direciona-se para as regiões semi-áridas, onde as atividades agrícolas convencionais e o manejo inadequado do solo, registram processos erosivos 100 vezes mais rápido do que o ambiente é capaz de se recompor, afetando cerca de 3,2 bilhões de pessoas no planeta (ONU/BRASIL, c2023). Sobre esse ponto, a Organização das Nações Unidas - ONU alerta que a Desertificação tem se estendido para outras regiões, que não as áridas e semiáridas, devendo atingir mais de 75% da população mundial nas próximas décadas (Ibid.).

No Brasil, a Política Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca – PNCD (2015), instituída com o objetivo de prevenir, mitigar e combater a desertificação e recuperar as áreas em processo de degradação da terra, promovendo ações em educação socioambiental para o desenvolvimento com sustentabilidade, em seu Art. 2º, define a Deser-

tificação como “[...] a degradação da terra, nas zonas áridas, semiáridas e subúmidas secas, resultantes de vários fatores e vetores, incluindo as variações climáticas e as atividades humanas”, essa concepção serve de alerta para que os esforços das gestões públicas, em todas as esferas e da sociedade, se voltem para atividades de recuperação ambiental, especialmente, no semiárido (BRASIL, 2015).

O Semiárido brasileiro é constituído de 1.427 municípios localizados nos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais, sendo o estado da Bahia o que abarca o maior número, contabilizando 278 municípios (SUDENE, 2021).

Dados apresentados pelo IPCC, no 6º Relatório de Síntese - AR6 (2023) apontam que o Nordeste brasileiro é a área seca com maior índice populacional no mundo e não é incomum, alcançar extremos climáticos, que podem chegar a ultrapassar os 40 °C, no verão (IPCC, 2023). Os estados nordestinos que vivenciam os processos de desertificação são: Alagoas, com 32,8 % de área afetada; seguido pelo estado da Paraíba com 27,7 %; logo após, o Rio Grande do Norte, com 27,6 %; Pernambuco, com 20,8 %, o estado da Bahia, atingido em 16,3 %; Sergipe, em 14,8 %; o Ceará, afetado em 5,3 %, Minas Gerais, em 2 %; e o Piauí, com 1,8 % de áreas em desertificação (Ibid.).

Com base na PNCD (2015), o Tribunal de Contas da União – TCU, conjuntamente com os do Ceará (TCE-CE), da Paraíba (TCE-PB), de Pernambuco (TCE-PE), do Rio Grande do Norte (TCE-RN) e de Sergipe (TCE-SE), realizaram a Auditoria Operacional Regional Coordenada em Políticas Públicas de Combate à Desertificação do Semiárido, com o objetivo de avaliar o quadro depredatório das regiões semiáridas em decor-

rência das questões climáticas e das ações antrópicas nesses espaços (TCU, 2023).

Como resultados, registrou-se que a PNCD e o Programa de Ação Estadual – PAE, não vem sendo implementados nos estados auditados, agravados pela extinção da Comissão Nacional de Combate à Desertificação, através do Decreto nº 9.759/2019, que interveio negativamente na articulação e nas frentes de combate à desertificação (Ibid.). Esse documento foi revogado, por meio do Decreto nº 11.371 de 1º de janeiro de 2023, para o reestabelecimento da referida comissão (BRASIL, 2023).

A auditoria do TCU (2023), constatou que os estados da Paraíba – PB; Pernambuco – PE; e Rio Grande do Norte – RN, ainda não atenderam a nenhuma das especificações previstas para a ação da PNCD, a saber: Estrutura de gestão prevista no PAE; Fundo estadual para combate à desertificação; Cadastro estadual das áreas suscetíveis a desertificação; Sistema estadual de informações sobre o combate à desertificação; Diagnóstico e zoneamentos das áreas suscetíveis a desertificação; e o Monitoramento ambiental das áreas.

Há diversos cenários que demonstram a urgência de um processo educacional que trate das questões climáticas com maior aprofundamento. Segundo Grandisoli (2023), esse tema depende de duas abordagens essenciais: a interdisciplinaridade e um olhar sistêmico integrado. O autor considera ainda, que olhar para as MC sob o ângulo educativo torna-se relevante para informar, formar, empoderar e engajar ações para o enfrentamento climático. Nota-se que as instituições de ensino, podem ser o primeiro e fundamental ponto mobilizador para o diálogo coletivo, que dá voz a atores historicamente excluídos, que so-

frem diversos impactos sobre sua saúde, moradia, segurança, cultura, identidade, economia e podem contribuir para as políticas públicas socioambientais e na transformação social (Ibid.).

Diante do exposto, há o entendimento que a construção de um percurso educativo para a sustentabilidade, deve lançar sua lente para debates que envolvem a questão ética da sobrevivência e que, inevitavelmente, partem de temas ainda não superados pela sociedade como o uso de agrotóxicos, consumismo, descartes de resíduos de modo inadequado, má distribuição de renda, as injustiças sociais, o desrespeito a memória e a identidade local, desmatamento, queimadas, extinção de espécies, crise hídrica e alimentar, presentes no cotidiano contemporâneo.

Para contribuir com essa expectativa, a Educação Florestal (EF) se apresenta como um processo pedagógico de mobilização social em espaços formais e não formais, na implementação de ações para a conservação, recomposição e restauração da biodiversidade contida no ambiente florestal; bem como, poder ampliar o raio de alcance local/regional da pauta climática.

Nesse sentido, a escolha do tema Educação Florestal: um diálogo interdisciplinar no semiárido baiano, buscou fomentar uma articulação de discussões socioambientais, de modo interdisciplinar, reconhecendo a importância econômica, ambiental e social das florestas, nativas ou cultivadas, a conservação da cobertura vegetal e dos recursos naturais agregados a essa, em todos os biomas, porém aqui, trazendo em destaque a Caatinga.

O tema se sustentou na necessidade de intensificar e ampliar a discussão ambiental; no pensamento da educação como mediadora de mudanças dentro da sociedade; e de contribuir na problematização e reflexão crítica da realidade, com vistas a

consciência florestal.

A organização estrutural das informações apresentadas, foi equivalente nas três palestras. À medida que iam sendo identificadas mudanças nos dados oficiais, no intervalo entre as palestras, procedeu-se as atualizações, primando por discussões que retratassem o mais próximo da realidade possível.

Os pontos debatidos, junto aos participantes, foram:

- Relação do ser humano com a natureza; Sociedade e Desenvolvimento;
- Marcos históricos: Revolução Industrial; Revolução Verde e eventos ambientais mundiais;
- Dados oficiais sobre os impactos ambientais, crise climática e alterações paisagísticas no Semiárido/Caatinga;
- Consciência Florestal;
- Políticas Ambientais do Estado da Bahia: Política Estadual de Convivência com o Semiárido - Lei Estadual, nº 13.572/2016; e a Política Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica - Lei Estadual nº 14. 564/2023;
- (Des)Construção do conceito de Floresta;
- Percepção conceitual sobre Educação Florestal;
- Educação Florestal em múltiplos espaços e a visão/ação interdisciplinar;
- Educador Florestal na Convivência com o Semiárido

Durante toda a exposição de fala, os(as) participantes ficaram livres para levantar questões, esclarecimentos e o que ocorresse em contribuição a discussão promovida.

PALESTRA 1

Curso Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas

Participantes: 22

Instituição: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Data: 15 de maio de 2023

A primeira palestra do ciclo, foi realizada nas dependências da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/campus Jequié, Sala 25, do Pavilhão de Aulas. Nesse momento, participaram 22 graduandos(as) em Ciências Biológicas, dos quais 59, 2 % se autodeclararam do gênero feminino e 40, 9 % do gênero masculino. Não ocorreram registros para os gêneros LGBTQIAPN+. Do total de participantes, 95, 5 % residiam em área urbana e 4,5 % em área campesina.

Tomando como ponto de partida a organização estrutural das informações, descrita na Introdução, alguns questionamentos foram feitos, durante a exposição para dinamizar as discussões propostas. As questões apontadas foram:

- *Quais perspectivas pode-se visionar para a conservação das florestas a médio e longo prazos, diante dos impactos observados na atualidade?*
- *Quais interdisciplinaridades devem ser buscadas para tal?*
- *De que modo a Educação Florestal pode adentrar campos, aparentemente, já demarcados em áreas do conhecimento, a exemplo das Ciências Biológicas?*

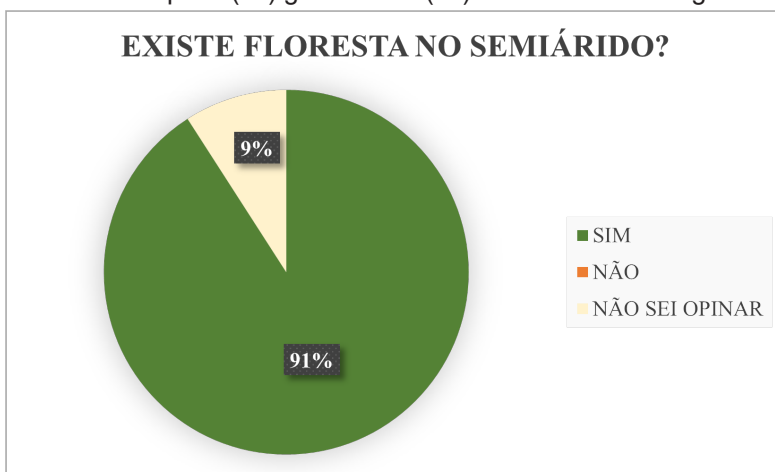
Quanto aos questionamentos inseridos nos diálogos de-

envolvidos junto aos participantes, nesse e nos demais grupos das palestras que foram realizadas, não ficou estabelecida qualquer obrigatoriedade de se buscar respostas prontas, com soluções imediatas, mas sim, que essas pudessem compor uma continuidade de reflexões críticas acerca do tema em pauta, haja vista a responsabilidade atribuída aos biólogos(as) no campo da preservação e conservação ambientais.

Na ocasião, foi solicitado aos participantes a se posicionarem sobre duas questões: Existe floresta na Caatinga? E olhar para a Caatinga, é olhar para uma floresta?

Para a primeira pergunta, a figura 1, retrata que 91 % dos participantes afirmam ter floresta na Caatinga. Essa percepção, é de extrema relevância para a compreensão da amplitude e riqueza desse bioma, com todas as suas especificidades, bens e serviços proporcionados a sociedade e poder vislumbrar a consciência de que preservar as florestas, também implica em preservar e conservar a Caatinga.

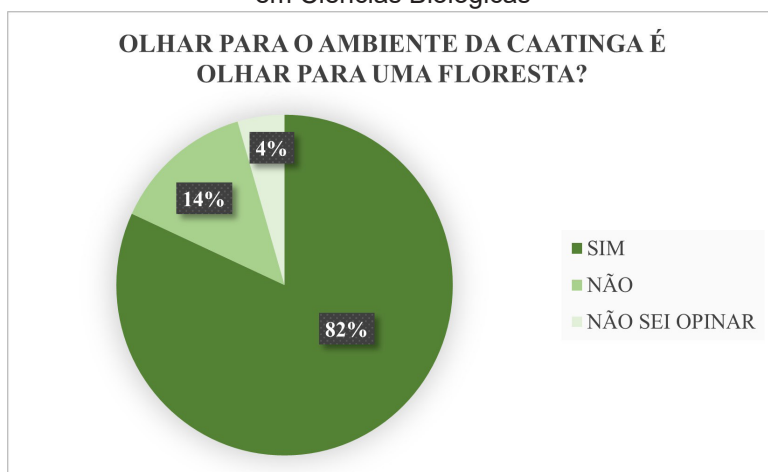
Figura 1. Percepção sobre a existência de floresta no Semiárido pelos(as) graduandos(as) em Ciências Biológicas



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Quanto a questão Olhar para a Caatinga é olhar para uma floresta? (Figura 2) as respostas demonstraram que, ainda que se pese os 82 % de afirmação, 18 % não considerou a relação Caatinga-floresta, é uma negativa que corresponde uma diferença de 100 % sobre a negativa na questão anterior. Essa resposta denota que ainda há uma distorção da percepção sobre esse ambiente e o quanto ainda se carece de maiores aprofundamentos sobre o tema.

Figura 2. Percepção sobre a Caatinga pelos(as) graduandos(as) em Ciências Biológicas



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

É importante ressaltar que o cenário paisagístico que acompanha a formação humana desde os primeiros anos escolares, permanece no imaginário nas demais fases da vida. O que pode motivar a mudança no ângulo de visão, é uma maior aproximação sobre o contexto vivenciado, considerando que uma floresta não se limita as árvores, mas sim, todas as suas interações e correlações com a realidade social, ambiental, econômica e cultural.

PALESTRA 2

Curso Pedagogia

Participantes: 28

Instituição: Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Data: 22 de maio de 2023

A segunda palestra do ciclo, ocorreu no Auditório da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/campus Itaberaba e contou com a presença de graduandos(as) em Pedagogia. Na oportunidade, estiveram presentes 27 participantes, dos quais 77, 8 % se autodeclararam do gênero feminino e 22, 2 % do gênero masculino. Não ocorreram registros para os gêneros LGBTQIAPN+. No grupo participante, 92, 6 % residiam em área campesina e 7,4 % em área urbana.

Diante da dinâmica adotada com a organização estrutural das informações, cercou-se, esse público, das seguintes questões:

- *De que modo o tema florestal poderá ser conduzido numa educação para a sustentabilidade?*
- *Quais dimensões pedagógicas podem ser estabelecidas para tal?*
- *Quais novos diálogos, ou a retomada de tantos outros são necessários para o fortalecimento de uma pedagogia socio-ambiental nas escolas?*

Como já mencionado na Palestra 1, essas indagações/reflexões não previam respostas imediatas, contudo, foram necessárias para instigar o pensar e agir de futuros Pedagogos(as),



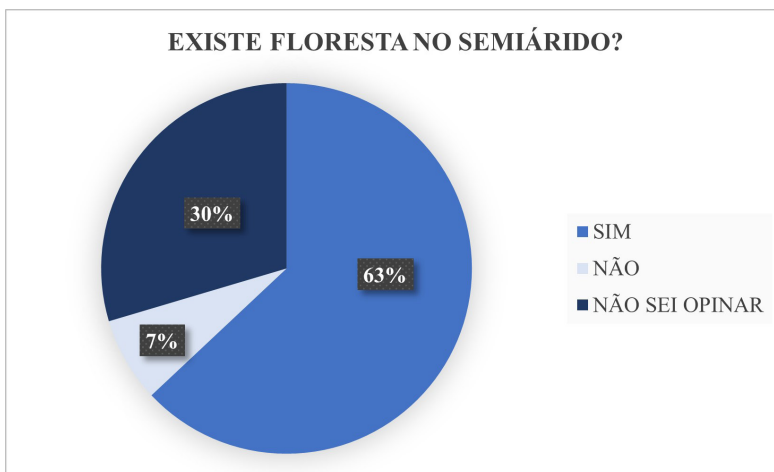
dentro e fora do espaço escolar, que irão atuar diretamente com o planejamento de estratégias para o ensino e a aprendizagem e poderão contribuir em ações oriundas das escolas e envolvimento de toda comunidade no entorno dos espaços escolares.

Assim como ocorreu com o grupo da Palestra 1, os graduandos também foram convidados a responder as questões: Existe floresta na Caatinga? E olhar para a Caatinga, é olhar para uma floresta? Foi considerado a importância de identificar a percepção desse grupo, pois que, além do tema ambiental se fazer presente na formação dos(as) alunos(as) nas escolas, os Pedagogos assumem papel relevante na colaboração com os professores e professoras no desenvolvimento de projetos e ações de ensino e aprendizagem.

Na primeira questão (figura 3), 63 % dos respondentes, afirmaram sobre a existência de florestas no Semiárido, o que é considerado muito positivo, entretanto, os 30 % de respostas negativas e os 7 % que não souberam opinar, reforça a ideia que, mesmo quando se convive diariamente num bioma e se reside em áreas campesinas, como foi o caso de mais de 90 % desse grupo, não necessariamente, nos permite perceber o ambiente em sua integralidade.

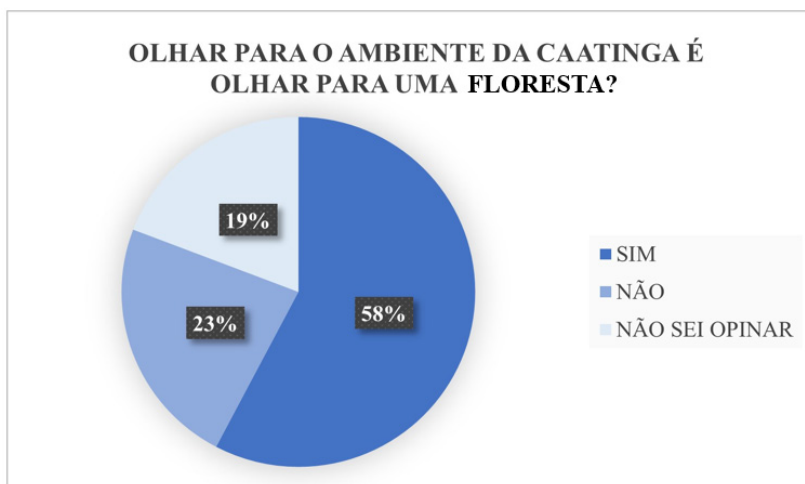
Uma compreensão da percepção sobre a Caatinga, também é apresentada na figura 4. Na segunda questão, que se complementa a primeira, é possível notar, uma leve diminuição em relação as respostas afirmativas, que para a segunda questão foi de 58 %, quando comparadas a questão anterior, 68 % das respostas.

Figura 3. Percepção sobre a existência de floresta no Semiárido pelos(as) graduandos(as) em Pedagogia



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Figura 4. Percepção sobre a Caatinga pelos(as) graduandos(as) em Pedagogia



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Quanto as respostas negativas, os 23 % revelados e os 19 % que não souberam opinar, o que nos leva a crer que, nas duas questões, ainda que as respostas afirmativas tenham prevalecido na percepção dos participantes, não se pode deixar de considerar a importância que precisa ser dada aos que ainda não conseguem ter clareza sobre características desse bioma.

Nessa perspectiva, que as ações sobre a Educação Florestal no Semiárido devem ser fortalecidas com conexões de ambientes e públicos diversos e cooperam para uma educação social sustentável.

PALESTRA 3

Profissionais: Coordenadores Pedagógicos municipais

Participantes: 18

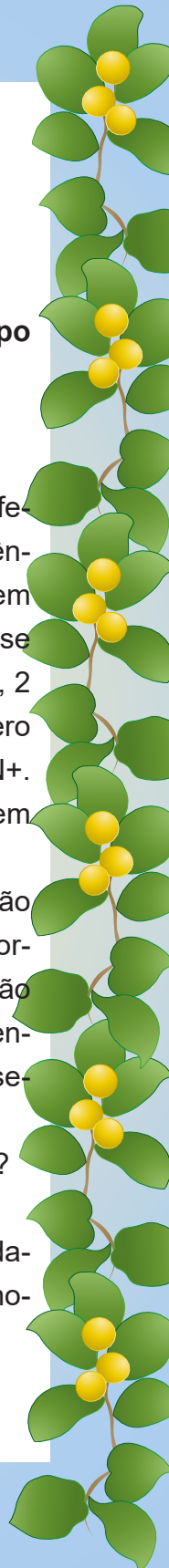
Instituição: Secretaria Municipal de Educação de Campo Formoso – BA

Data: 06 junho de 2023

A última palestra para o fechamento do ciclo, foi preferida de modo online, por meio da Plataforma de Webconferência GoogleMeeting com Coordenadores(as) Pedagógicos em atuação, do município de Campo Formoso, Bahia. Para esse momento, participaram 18 Coordenadores(as), sendo que 72, 2 % se autodeclararam do gênero feminino e 27, 8 % do gênero masculino. Não houve registros para os gêneros LGBTQIAPN+. Nesse grupo, 61,1 % residiam em área urbana e 38, 9 % em área campesina.

Durante as interações que compuseram a organização estrutural das informações, as questões complementares, ocorreram para buscar aprofundar as reflexões acerca da condução da temática ambiental/florestal e de como essa tem sido desenvolvida na educação básica. Desse modo, levantou-se os seguintes pontos:

- Como tem se constituído o diálogo ambiental nas escolas?
- Como o ambiente florestal tem sido trabalhado?
- Quais ações as escolas têm desenvolvido para o aprofundamento da temática florestal, além dos calendários comemorativos?



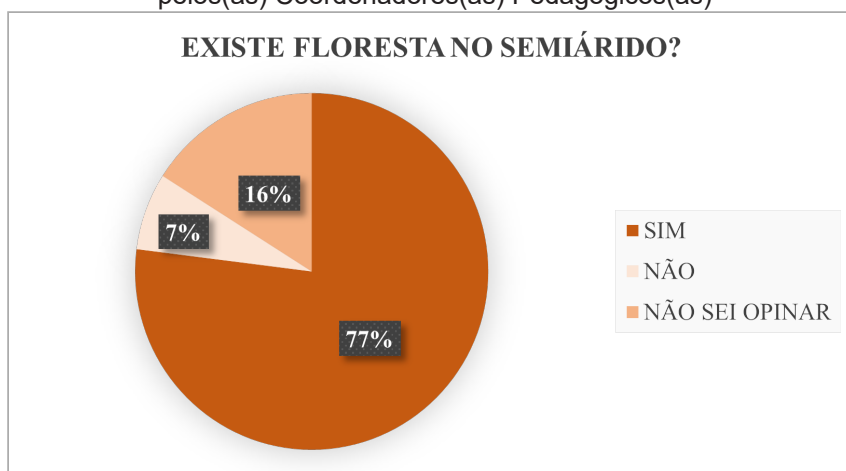
Ainda que, possíveis respostas não necessitassem ser explanadas no momento da palestra, a provocação teve o intuito de que esses pontos sejam levados para as discussões dos planejamentos e encontros pedagógicos, nas respectivas escolas de cada participante.

Os ambientes educacionais são espaços que acompanham e contribuem diretamente na formação dos indivíduos e todas as vivências neles contidas, devem buscar, o quanto possível, inserir as realidades nos contextos pedagógicos desenvolvidos.

Como profissionais em atuação direta nos espaços escolares e integram as equipes multidisciplinares das escolas, os(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as) se posicionaram quanto as indagações: Existe floresta na Caatinga? E olhar para a Caatinga, é olhar para uma floresta?

As figuras 5 e 6, retratam as opiniões desses profissionais.

Figura 5. Percepção sobre a existência de floresta no Semiárido pelos(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as)

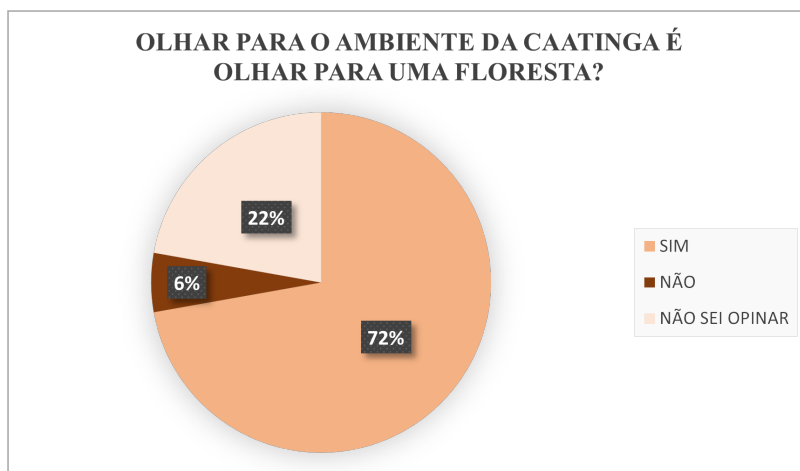


Fonte: Dados da Pesquisa (202)

No campo das respostas afirmativas, 77 % acreditam existir floresta no Semiárido; e 72 % afirmam enxergar na Caatinga o ambiente florestal. Ainda que nesse grupo, mais de 60 % residam em áreas urbanas, o modo como percebem esse bioma tem uma relação mais direta sobre sua realidade.

A ideia de buscar essas percepções não está atrelada ao que é certo ou errado, mas para que se possa obter, ainda que de forma preliminar, outras possibilidades de ações e de como poder alcançar esses públicos, tendo em vista que todos os envolvidos atuam na educação básica, onde os primeiros passos da formação acadêmica vão sendo construídos.

Figura 6. Percepção sobre a Caatinga pelos(as) Coordenadores(as) Pedagógicos(as)



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

Olhar a Caatinga como uma floresta, sempre será um marco instigante e desafiador, suas peculiaridades sempre levará a sociedade a pensar além, a mover-se, a inquietar-se, seja

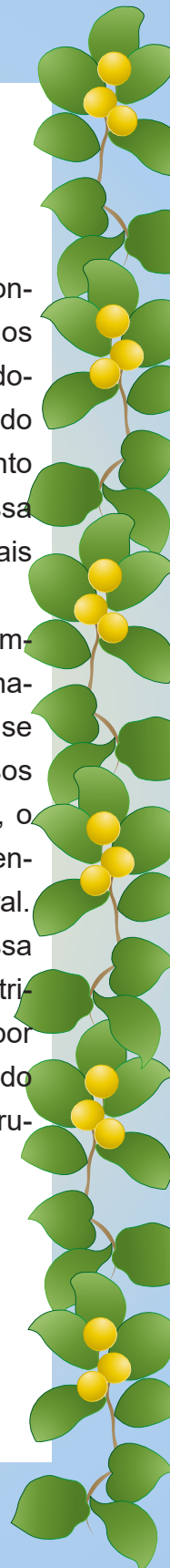
na busca de inovações tecnológicas, ao mesmo tempo em que se retomam raízes das memórias culturais, do sentimento de pertença e na valorização ecológica e social desse bioma.

CONCLUSÃO

Após a realização do Ciclo de Palestras, foi possível concluir que a abordagem central sobre as florestas, gerou diálogos e inquietações, no que tange a influência antrópica devastadora, mas sobretudo, revelou-se na responsabilidade coletiva do ponto de vista sociopolítico, cultural e ambiental. O pensamento crítico-reflexivo contínuo, contribui para que o ser humano possa rever suas percepções, atitudes e posicionamentos, individuais e coletivos.

Como direcionamento que possa levar a sociedade a implementação de iniciativas locais sustentáveis, a interdisciplinaridade se afirma como estratégia necessária, contudo, ainda se mostra como um dos grandes desafios técnicos e dos processos educacionais, que requerem a participação efetiva e, assim, o fortalecimento de uma agenda de compromissos socioambientais, com uma visão ética e ecossistêmica sobre o meio natural.

Por fim, notou-se a validade de se dar continuidade a essa ação em outros espaços e diversidades de públicos como contribuição a um trajeto educacional pedagógicosocial, na busca por agregar novos olhares sobre as florestas no ambiente Semiárido e criar possíveis redes colaborativas na disseminação e construção de saberes em Educação Florestal, em todos os biomas.





REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. **Considerações sobre Classificação de Eventos. Brasília, DF, 2016.** Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/DOCUMENTO_CRITRIOS_EVENTOS__AREA_DE_ENSINO__46.pdf. Acesso em: 01 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. **Relatório de Grupo de Trabalho. Produção Técnica. Brasília, DF, 2019.** Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10062019-producao-tecnica-pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Regional. Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE. **Delimitação do Semiárido 2021 – Relatório Final.** Disponível em: <https://www.gov.br/sudene/pt-br/centrais-de-conteudo/02semiaridorelatorionv.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Lei Federal nº 13.353 de 30 de julho de 2015. **Institui a Política Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca.** Casa Civil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13153.htm. Acesso em: 21 maio 2023.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Decreto nº 9.759 de 1 de abril de 2019. **Extingue e estabelece diretrizes, regras e limitações para colegiados da administração pública federal.** Casa Civil. Brasília, DF, 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/d9759.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%209.759%2C%20DE%2011%20DE%20ABRIL%20DE%202019&text=Extingue%20e%20estabelece%20diretrizes%2C%20regras,colegiados%20da%20administra%C3%A7%C3%A3o%20p%C3%ABlica%20federal. Acesso em: 21 maio 2023.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Decreto nº 11.371 de 1º de janeiro de 2023.** Revoga o Decreto nº 9.759, de 11 de abril de 2019. Casa Civil. Brasília, DF, 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Decreto/D11371.htm#art1. Acesso em: 21 maio 2023.

BRASIL. Tribunal de Contas da União. **Auditoria operacional regional coordenada em políticas públicas de combate à desertificação do semiárido.** Sumário Executivo. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://portal.tcu.gov.br/data/files/A5/36/B2/B5/BB5F9810ED256058E18818A8/Auditoria%20Operacional%20Regional%20Coordenada%20em%20Políticas%20Públicas%20de%20Combate%20a%20Desertificacao%20do%20Semiárido.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS - COP26. **Declaração dos Líderes de Glasgow sobre Florestas e Uso da Terra.** 2021. Disponível em: <https://ukcop26.org/glasgow-leaders-declaration-on-forests-an>

d-land-use/. Acesso em: 06 fev. 2023.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS - COP27- 2022. **ONU News**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/11/1805662>. Acesso em: 06 fev. 2023.

GRANDISOLI, E. **O que é Educação Climática? CicloVivo, 06 de março de 2023**. Disponível em: <https://ciclovivo.com.br/planeta/meio-ambiente/o-que-e-educacao-climatica/>. Acesso em: 15 abr. 2023.

LIOTTI, L.C.; BERTONI, D. O papel da Educação Ambiental na inserção da temática mudanças climáticas no processo educativo. In: DICKMANN, I.; LIOTTI, L.C. (Orgs.): **Educação Ambiental Crítica na Escola**. Coleção Educação Ambiental. Editora Livrologia. Chapecó, SC, 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL – ONU-BRASIL. **Começa a Década da ONU da Restauração dos Ecossistemas**. Notícias. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/130341-come%C3%A7a-d%C3%A9cada-da-onu-da-restaura%C3%A7%C3%A3o-de-ecossistemas>. Acesso em: 01 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL – ONU-BRASIL **Em Dia Mundial de Combate à Desertificação, ONU reitera meta de restaurar 40% das terras do Planeta**. Notícias. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/236842-em-dia-mundial-de-combate-%C3%A0-desertifica%C3%A7%C3%A3o-onu->

-reitera-meta-de-restaurar-40-das-terras-do. Acesso em: 20 jun. 2023.

.
PAINEL INTERGOVERNAMENTAL SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS – IPCC. **Relatório Síntese AR6**: Mudanças Climáticas 2022. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-cycle/>. Acesso em: 06 jun. 2023.